

Book Review

Braga-Pinto, César. *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940)*. U Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

Apesar do título, *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira*, aliado aos prolegômenos, que podem sugerir, ao primeiro contato, uma seleção de textos nos quais uma violência explícita seria protagonista, não há na alma deste livro um sentimento amargo e áspero. De uma posição imparcial, César Braga-Pinto apresenta um panorama da vida literária no Brasil no período entre 1888 e 1940, representado por uma objetiva seleção de autores e obras. Por meio de uma análise de relações de amizade e inimizades, interpretadas a partir de textos deixados pelos autores, crítico e jornalistas, vislumbramos suas implicações nos ideais políticos e organização da sociedade em transição.

Com este segundo livro solo, Braga-Pinto reivindica seu lugar entre os especialistas na literatura brasileira do período já que, ao visitá-la tendo como base as relações de amizade e inimizade entre os autores tanto no âmbito pessoal-biográfico como no literário, apresenta nuances das questões raciais, políticas e de sexualidade sob um prisma original que além de arejar as obras discutidas abala os alicerces das leituras convencionais.

Seis capítulos, um Epílogo e uma Introdução compõem as duas partes (*Concordia discors*, e *Concordia*) e o Entreato (*Discordia*) do livro. Abrindo um leque que abrange as fontes teóricas necessárias para o desenvolvimento do argumento, o livro, que escrutina a vida pessoal e obras dos autores, visita desde a cultura clássica grega, passando, em seu percurso, tanto pelos textos, em voga à época em questão, que influenciaram decisivamente os autores brasileiros, quanto por textos mais contemporâneos, em uma empreitada que abarca teóricos renomados que se debruçaram sobre literatura, filosofia, direito, política, história, sociologia e biologia para construir uma arcabouço teórico sobre o tópico amizade.

No primeiro capítulo, dedicado ao papel dos duelos e das polêmicas na sociedade finissecular, o autor discute como a ideia do duelo, apesar das discussões geradas em torno à adoção da prática, tornou-se sinônimo de civilização na sociedade letrada; além de apresentar o trânsito do mesmo da literatura francesa às ruas do Rio de Janeiro e daí de volta ao reino das letras em forma de troca de farpas entre autores na imprensa. O capítulo dois é dedicado a Raul Pompéia, que, entendendo o poder da imprensa no que tangia à manutenção ou destruição de reputações, ele mesmo vítima de ataques, arriscou comentários sobre a prática do duelo, questões de honra e suas implicações. E, como mostra o autor, já em Pompéia e seu *O ateneu* estava presente a noção da relação entre honra pessoal e a honra nacional. O capítulo três, espécie de interlúdio, de que consiste o Entreato *Discordia*, traz uma leitura da natureza da relação entre os dois personagens principais do romance *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, sob as lentes da relação deste com as teorias lombrosianas, sobretudo no que diz respeito ao interesse científico pela questão da homossexualidade, como prática “nata” ou de “ocasião.”

Já na segunda parte, *Concordia*, o quarto capítulo, introduzindo o conceito de amizades heteróclitas, dedica-se a escrutinar a afinidade intelectual e afetiva entre Nestor Vítor e Cruz e Souza. Este, que teve sua obra “resgatada”—do limbo a que uma elite letrada e contemporânea sua o condenou—por Nestor Vítor em uma gama de textos elogiosos tanto da pessoa como da obra de Cruz e Souza. Transitando de autores específicos ao conceito de “geração,” o capítulo cinco se debruça sobre o significado do processo de incorporação do mesmo no círculo letrado brasileiro, sem perder de vista as relações de amizade entre os autores. A relação amistosa entre Gilberto Freire e José Lins do Rego e o papel dessa amizade na formação intelectual de cada um deles é a base para uma releitura da obra de “Zelins” no capítulo seis. Fecha o volume um epílogo que propõe um momento de cisão, por volta de 1940, no papel que o discurso sobre a amizade passou a ocupar nos meios literários no Brasil.

Entre os elementos que amalgamam o percurso da análise das amizades e inimizades no contexto da vida social e literária no Brasil entre 1888 e 1940 (e este talvez seja o ponto mais forte do livro), destaca-se o papel fundamental que a raça, usualmente deixada de lado, desempenhou na formação da sociedade, da sexualidade e do pensamento brasileiros, e que o livro traz para o primeiro plano. Raça, que enquanto “problema,” no contexto brasileiro e nos textos analisados,

como demonstra o livro, vem atrelada quase que obrigatoriamente a uma configuração/concepção homossocial de mundo e portanto à homossexualidade, seja como prática sexual, seja como conceito.

Se é que há “senões” no livro, estes seriam as ausências de Machado Assis e a de autoria feminina, que o próprio autor não deixa de mencionar na Introdução. Baseado na, tacitamente aceita como fato, escassez de autoras no período estudado, este livro, que parece um livro “para homens,” oblitera uma vez mais a presença da autoria feminina. A ausência de Machado se explica, como a própria inevitável referência a sua obra ao longo de todo o livro atesta, pelo fato de que um volume inteiro seria necessário para suprir sua ausência. A ausência da autoria feminina se explicaria suficientemente como consequência da própria configuração das nossas letras que, ainda hoje, apagam a mulher das páginas tanto da ficção como da história? Sendo revisitado o período, desenterrando-se as obras e dando-lhes o destaque, que apesar de negado à época, é, provavelmente, merecido, quicá um trabalho sobre as amizades e inimizades femininas surja para considerar mais dimensões do tema?

A violência nas letras é um livro necessário. Um estudo de fôlego, que aborda o período mais importante no que diz respeito aos embates travados durante a formação de um ideal de identidade nacional (branco, masculino e heterossexual) que se estabeleceu no imaginário e que hoje em dia volta a ser questionado, esse livro merece a atenção de todxs: pesquisadorxs, alunxs e professorxs que se dedicam ao período estudado de maneira geral, e especificamente daquelxs que se interessam pelo papel da raça, da (homo)sexualidade e da literatura na formação da sociedade brasileira.

Paulo Dutra

Stephen F. Austin State University